

OS DESENHOS ANIMADOS DA NOSSA INFÂNCIA: RELAÇÕES DE MEMÓRIA E EXPERIÊNCIA

Dianni Pereira de Oliveira - UFES

Resumo

A pesquisa aqui apresentada, sob forma de comunicação, busca refletir sobre as relações de memória e experiência estabelecidas entre adultos que tinham por hábito assistir desenhos animados na infância. Desenvolvemos um Catálogo de Reconhecimento, com 87 imagens de desenhos animados veiculados na TV entre os anos de 1970 e 1990. Os resultados aqui apresentados constam dos vinte questionários respondidos, nos quais buscamos identificar as relações de memória ligadas à Arte e às escolhas desses sujeitos, como o hábito influenciou suas atividades na infância e fase adulta. Nossa investigação contou com aporte teórico metodológico baseado no conceito de experiência e memória de Walter Benjamin, além de outros autores com os quais estabelecemos diálogo.

Palavras-chave: Arte, Desenho Animado, Experiência, Memória e Infância

Abstract

The research presented here, the form of an communication reflects upon the relationship of memory and experience made between adults who had the habit of watching cartoons as a child. We developed a catalog of Recognition, with 87 images of cartoons aired on TV between the years 1970 and 1990. The results presented here are contained in the twenty responses, in which we seek to identify the relationship of art and memory linked to the choices of the subjects, as the habit has influenced their activities in childhood and adulthood. Our research had theoretical methodology based on the concept of experience and memory of Walter Benjamin, and other authors with whom we have dialogue.

Keywords: Art, Cartoon, Experience, Memory and Childhood

1. Introdução

Esta pesquisa surgiu como prévia de nossa investigação de mestrado, quando buscávamos identificar a relevância de pesquisar relações de memória, experiência e mídia. Estas relações são percebidas na vida cotidiana da pesquisadora e em suas escolhas relacionadas à vida profissional, bem como nas atividades de lazer e entretenimento o que nos levou a perguntar: como o hábito de consumir desenhos animados interfere e se configura na construção do sujeito como ser social? Partindo desse questionamento inicial, elaboramos um Catálogo de Reconhecimento, apresentando 87 imagens de desenhos animados

veiculados entre os anos 1970 e 1990, sendo que muitos ainda fazem parte da grade de programação da TV contemporânea, em canais abertos ou pagos. Os sujeitos da pesquisa foram então desafiados a lembrar o nome dos personagens apresentados, trilha sonora ou qualquer outra memória relacionada aos desenhos, sem o auxílio de nenhuma fonte de pesquisa. Após a experiência de rememoração, deveriam responder a quatro perguntas quanto a participação na pesquisa, sobre o contato com aquelas imagens e como eles percebiam a interação dessas produções midiáticas em suas vidas adultas. Relataremos a seguir os números e os depoimentos dos que se submeteram ao Catálogo de Reconhecimento.

2. Desenhos animados ontem e hoje

É comum ouvirmos dos adultos do século XXI, que os desenhos animados veiculados hoje “não têm a mesma graça” dos que eram veiculados quando eles eram crianças. Obviamente, mudam os meios de produção, o foco de importância na abordagem sócio-histórica, mudam os enredos e até mesmo a maneira de apresentação dos heróis, mas o que de fato mudou para esses indivíduos? Simples: eles deixaram de ser criança. Sob essa óptica, a vida adulta nos parece uma espécie de prisão, da qual não possuímos as chaves. Aos nossos olhos, por detrás dessas pesadas grades, “o tempo passa muito mais rápido” e assim nos parece amplo e espaçoso o tempo reservado à infância: quem de nós não o desejaria por alguns momentos?

A literatura nos ilumina com algumas produções nas quais a viagem de volta pode ser possível, como no conto fantástico de Janusz Korczak (1981, p.19), *Quando eu voltar a ser criança*, no qual o adulto volta ao corpo de menino, sem, no entanto, perder a experiência e a memória da vida madura, quando pontua:

Se soubesse naquela época, nunca teria feito força para crescer, ser criança é mil vezes melhor. Os adultos são infelizes. Não é verdade que eles podem fazer o que querem. Têm até menos liberdade do que as crianças. Têm pesadas responsabilidades.

Mas essa espécie de saudosismo não revela, de fato, o desejo de ser e estar eternamente criança; antes, revela uma relação de importância dada àquela fase na qual os valores são construídos para a vida toda, quando o mais importante era viver e não se preocupar com o dia de amanhã. Desse modo, quando encontramos adultos que fazem coleções de desenhos animados vistos em sua infância, ou que encontram sempre uma desculpa para se refestelar no cinema produzido para crianças, encontramos um sujeito cujas impressões da infância aconteceram de maneira muito íntima dessas produções. Fazem parte de suas preferências, de suas experiências positivas e, portanto, merecem lugar de importância no *hall* da memória.

Em nosso caso, quando submetidos à pesquisa, os sujeitos investigados tinham um direcionamento que inibia a busca por referências em qualquer fonte, pois o objetivo não era pontuar ou premiar os que “mais acertassem” ou punir aqueles que de pouco se recordaram. Tivemos em mente estabelecer a relação entre a visão da imagem e o exercício de rememoração dessa imagem, com todos os sentimentos que essa experiência pudesse trazer. Para tanto, ao término da exposição dos desenhos, havia quatro perguntas que buscavam identificar:

- A. Algum desses desenhos trouxe lembranças positivas? Ou Negativas? Poderia descrever a ligação em poucas palavras?

- B. Rever as imagens dos desenhos e tentar se lembrar deles foi uma experiência interessante ou indiferente?
- C. Quais desenhos animados aqui listados tiveram um impacto importante em sua vida? E quais outros não listados fazem parte das suas memórias?
- D. Para terminar, comente sobre a importância dos desenhos animados em sua infância ou, se for o caso, em sua vida madura:

Em muitos relatos era possível ler acerca do sentimento de saudade da infância, e de “torcer para que os personagens voltassem para casa”, no caso da série *Caverna do Dragão*, veiculada principalmente na década de 1980. Uma boa parte dos sujeitos também não se recordava do nome dos personagens, embora tenham se lembrado de tê-los assistido, o que se revelou como fonte de angústia para alguns. Foram listados sentimentos como nostalgia, saudade, otimismo, esperança, amor e ausência. Houve ainda quem se lembrasse da hora em que saía e voltava da escola, do cheiro do almoço, da TV antiga, da casa onde moravam e até da mobília, associado às imagens e à alegria de recordar o nome, como se fosse um encontro, ou ao esforço para fazê-lo. Desse modo, encontramos sujeitos que, de alguma maneira, se sensibilizaram ao encontrar nas imagens televisivas que permearam uma importante fase de suas vidas uma maneira de revisitar memórias de forma positiva.

Sendo assim,

[...] se a experiência televisiva está condicionada pelos padrões culturais e emotivos do receptor, quer dizer, pelos conhecimentos e sentimentos que acumulou em suas experiências vitais anteriores, do mesmo modo os conhecimentos adquiridos e as experiências vividas diante do televisor lhe darão novos esquemas ou modelos mediante os quais ordenará suas futuras interpretações da realidade. (FERRÉS, 1998, p. 32)

E de fato, entre os relatos da experiência com o Catálogo de Reconhecimento, encontramos um sujeito em especial que revela uma opção profissional baseada no contato com essas produções: “Os desenhos tiveram muita importância porque foram as primeiras e principais inspirações para os meus desenhos e pinturas. Assistia e tentava reproduzir os personagens. Contribuíram diretamente para o meu desenvolvimento e interesse em algumas habilidades artísticas.”¹ Vemos, nesse relato em especial, uma importante fonte de referência quando trabalhamos a Arte por meio do acesso às imagens e reproduções artísticas consagradas pela História: as imagens constituem uma poderosa referência na vida de nossos alunos e poderão ser fator constituinte das escolhas pessoais e até mesmo profissionais de cada um deles. Constatamos isso ao ler a afirmação de um dos sujeitos envolvidos na pesquisa: “Quando vi os Ursinhos Carinhosos, lembrei que fazer o bem era a melhor coisa!” e ainda “Me ajudaram a desenhar, pois eu gostava de desenhar meus personagens preferidos nos meus cadernos.”²

Observamos que a geração cuja infância se deu entre as décadas de 1980 e 1990 passou boa parte da vida diante dessas imagens televisivas, produzidas por adultos para crianças. Então, de que natureza é nossa preocupação com a criança contemporânea que também o faz? Segundo Silverstone (2002, p. 25), “a mídia é do cotidiano e ao mesmo tempo uma alternativa a ele.”, o que nos faz refletir sobre a perda progressiva dos espaços de troca como ruas e terrenos baldios, desdobramentos da violência, fruto da desigualdade social; refletida na quantidade de tempo que a criança de hoje investe diante desses produtos que, invariavelmente, trazem em si mesmos muito mais que uma mensagem de otimismo e boas lições: trazem o hábito e a necessidade do consumo.

¹ Relato coletado no Catálogo de Reconhecimento, Dianni Pereira de Oliveira, 2010.

² *Ibidem*.

3. Sobre memória e experiência

Para Walter Benjamin (1935, p. 197-198), a sociedade moderna sofre de um mal que é produto de nosso próprio tempo e contra o qual não teríamos como lutar. Seria necessário o prévio reconhecimento dessa “perda” e a plena consciência de sua importância: perdemos a capacidade de transmitir valores. “São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. [...] É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.” (BENJAMIN, 1935). De acordo com Benjamin *apud* Jeanne Gagnebin (1999, p.57),

Sabia-se muito bem o que era experiência: as pessoas mais velhas sempre a passavam aos mais jovens. De forma concisa, com a autoridade da idade, em provérbios; ou de forma prolixa, com sua loquacidade, em histórias; ou ainda através de narrativas de países estrangeiros, junto à lareira, diante de filhos e netos.

Mas seria correto afirmar que o homem moderno decidiu conscientemente transferir a responsabilidade de transmitir suas experiências para os meios digitais? Ou ainda que ele próprio não possui experiências? Mas o que vem a ser experiência, nesse contexto? A experiência, num pensamento Benjaminiano, é “fundada pela tradição do tempo e pelo tempo da tradição” (PEREIRA, 2006, p.51), sendo que a tradição (PEREIRA, 2006, p.10) “[...] é o lastro sobre o qual se preserva a possibilidade de redenção, memória coletiva que inscreve o indivíduo

num conjunto de representações de sentido comum, laço que une o presente ao passado.” A ausência dessa experiência, por sua vez, geraria uma crise de percepção; daí a afirmação de Benjamin de que o homem moderno sofre de uma pobreza de experiências advinda de uma automatização dos meios de produção e consumo. Somos, diariamente, consumidos pelo tempo e pelas demandas da vida moderna; invadidos por um sem fim de imagens televisivas cujo principal objetivo é o de gerar a falta e induzir ao consumo; somos pajeados por recursos tecnológicos que visam uma vida mais prática e a conseqüente economia de tempo e, no entanto, estamos sempre correndo e parece que nunca temos algo de fato importante, fora desse ciclo de ausência e consumo, para relatar.

Nesse contexto, o adulto seria o sujeito que, pela passagem do tempo, teria acumulado experiência transformada em herança simbólica, imaterial, para as futuras gerações. Mas para Benjamin (1984, p.23), não é bem assim:

Em nossa luta por responsabilidade enfrentamos um mascarado. A máscara do adulto chama-se 'experiência'. [...] E ele sorri com ares de superioridade, pois o mesmo acontecerá conosco – de antemão ele já desvaloriza os anos que vivemos, converte-os em época de doces devaneios pueris, em enlevação infantil que precede a longa sobriedade da vida séria.

Ainda segundo Agamben (2005, p.21), “a incapacidade de fazer e transmitir experiências talvez seja um dos poucos dados certos de que disponha sobre si mesmo.” Diante desse cenário, parece-nos, por alguns momentos, que a humanidade adentrou um espaço de futilidade e vazio existencial lamentável e irreversível. No entanto, é importante pensarmos na trajetória humana como uma linha orgânica, permeada de caminhos alternativos e não retilíneos. Partimos desse pensamento quando refletimos sobre a maneira como, expostos aos mesmos conteúdos, os sujeitos da pesquisa (e da vida cotidiana, fora da

pesquisa) receberam e ressignificaram esses discursos a seu modo, exatamente como o fariam com qualquer discurso recebido ao longo da vida. Temos sujeitos que construíram, partindo desses discursos, suas próprias narrativas, as quais lhes serviram como base de valores para si mesmos e para outros, pois, segundo Benjamin (1994, p.200), “o conselho tecido na substância da existência tem um nome: sabedoria.”

4. Rememoração: relações entre memória e imagem

O termo rememorar é usado por Benjamin e por seus seguidores ao longo da História. Na visão de Marcelo de Andrade (PEREIRA, 2006, p. 61),

A rememoração (Eigendenken) é o termo que melhor designa o tempo da experiência. A rememoração estabelece com o passado uma relação viva, ela desperta o passado para salvar o futuro da estagnação do presente.

Possibilitar o encontro das imagens televisivas dos desenhos animados com os sujeitos dessa pesquisa potencializou uma espécie de revisitação do passado, subtraindo ao tempo cronológico e estabelecendo acesso a um outro momento, ainda que de maneira virtual, sem, de fato, estar lá fisicamente: este é o fenômeno da rememoração. Mas de que maneira o exercício de rememorar desenhos animados pode ser entendido como recurso prático no ensino de Arte?

Quando a série de desenhos animados *Teenage Mutant Ninja Turtles* (As Tartarugas Ninja) era popular nos Estados Unidos, muitas crianças conheciam os nomes Michelangelo, Leonardo, Donatello e Rafael, mas poucas sabiam que esses nomes eram de artistas ou por que foram escolhidos para os personagens. Em arte/educação raramente se percebem esses processos como um aspectos importante do aprendizado. (FREEDMAN in BARBOSA, 2005, P. 140)

Os desenhos animados são uma fonte imagética para adultos e crianças. E elas a utilizarão, na mesma proporção em que tiverem acesso a eles, transformando-os em referência expressiva, discursiva e de conteúdo. Segundo Cola (2003, p. 17) “advoga-se à área artística um papel de resgate, na educação de um trabalho voltado ao sensível”, posto para a produção imagética como um todo: seja de fontes acadêmicas, seja da cultura de massas. Nesse contexto, talvez não se trate de quantificar o tempo que as crianças passam diante da televisão, tendo em vista ser ela uma presença constante e irrevogável na vida humana contemporânea; mas o que fazer com o conteúdo apreendido nesse tempo, para que o hábito de assistir desenhos animados se constitua em uma das memórias da infância e não a tradução e resumo dela.

5. Conclusão

A pesquisa com as relações entre o desenho animado, a memória e a experiência em adultos cuja infância aconteceu entre as décadas de 1980 e 1990, nos proporcionou algumas reflexões sobre o fenômeno da presença excessiva da televisão na vida humana, bem como os desdobramentos dessa exposição na construção e transferência de valores dessas pessoas. Muito mais que a percepção da passagem do tempo, dado no fenômeno do envelhecimento, esses sujeitos atestam um lugar de importância dado aos desenhos de sua infância,

tanto que alguns afirmam ainda assistirem, seja para acompanhar filhos e netos, seja pelo puro prazer advindo desse ato. Alguns atestaram estabelecer contato com músicas clássicas pela primeira vez por meio dos desenhos cujo diálogo se fazia escasso e a alusão à fantasia, inocência e recordações positivas pautou a maior parte dos relatos.

Resultados da pesquisa com Catálogo de Reconhecimento de Desenhos Animados

Tabela 1 – Catálogo de Reconhecimento

Faixa Etária		Gênero		Grau de Instrução		Área de Atuação		Acertos por Área
20 a 30 anos	4	F	M	Ensino Fundamental	-	Educação	9	Entre 22 e 75 acertos
		3	3					
31 a 40 anos	9	6	2	Ensino Médio	1	Comunicação	1	81 acertos
41 a 50 anos	6	6	-	Curso Superior	6	Saúde	2	Entre 36 e 68
Mais de 60 anos	1	1	-	Pós Graduação	14	Engenharia	1	29 acertos
						Outros	4	Entre 49 e 51 acertos
						Não Identificados	3	Entre 28 e 69 acertos
Total	20	16	4					

Número de Entrevistados: 20 | Desenhos para reconhecer: 87

Talvez a televisão faça parte de nossas vidas há tanto tempo que não seja mais possível mandá-la embora. Meio como um parente que vai ficando e acaba ficando tempo demais, ela é um produto de nossas próprias ansiedades, medos e expectativas. Conviver com ela é, de fato, um dos maiores desafios da Educação na contemporaneidade.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História: Destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas. 7 ed, São Paulo: Brasiliense, 1994

_____. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo, Summus, 1984, volume 17

COLA, César Pereira. **Ensaio sobre o desenho infantil**. Lorena: CCTA, 2003

FERRÉS, Joan. **Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FREEDMAN, Kerry. Currículo dentro e fora da escola: representações da Arte na cultura visual. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.) – **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais** – São Paulo: Cortez, 2005

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. Editora Perspectiva, 2 ed, 1999.

KORCZAK, Janusz. **Quando eu voltar a ser criança**. Círculo do Livro S/A. Summus editorial Ltda, São Paulo, 1981.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. **O lugar do Tempo: Experiência e Tradição em Walter Benjamin**. Dissertação de filosofia UFRS, 2006

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a Mídia?** Edições Loyola, São Paulo, 2002

Dianni Pereira de Oliveira

Formada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo em 2008, atua como professora de Artes na rede particular de ensino de Vitória desde 2007. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da UFES, bolsista CAPES. Pesquisa relações de experiência e memória entre desenhos animados e desenhos infantis.